

BB quer conversão da dívida

Externa

Para Adroaldo Moura, medida daria liberdade de negociação

São Paulo - O vice-presidente de Operações Internacionais do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, ao reunir-se ontem com representantes de bancos estrangeiros, defendeu a conversão da dívida externa brasileira em investimentos, explicando que isso cria um maior grau de liberdade para o País administrar sua dívida, permitindo sua redução e uma ampliação do capital de risco.

Adroaldo Moura lembrou que a dívida implica obrigações contratuais de remessas em prazo certo, enquanto o investimento direto dá a possibilidade de só precisar de moeda estrangeira para o envio de remessa de dividendos se o empreendimento financiado com essa conversão no Brasil produzir resultados positivos, gerando então, uma folga da balança de pagamentos. Ele ressaltou, porém, que não se pode permitir que a conversão seja feita sem uma certa administração da autoridade monetária.

"Se admitirmos que toda a dívida possa ser convertida em um ano, isso obrigaria o Banco Central a imprimir um volume enorme de moeda, gerando assim fortes pressões inflacionárias. É necessário então, se operar com um limite e até mesmo estudar em que setores se pode permitir que ocorra a conversão de dívida em capital de risco", salientou o professor Adroaldo Moura.

Segundo ele, as atividades voltadas para exportação não são as prioritárias para essa conversão. Os setores que substituem importações também poderiam ser privilegiados. Existem pessoas que vêem nessa conversão uma forma de desnacionalização da economia mas, no mo-

mento em que alguns setores são prioritários ao País e, na medida em que eles sejam consagrados em lei, a exemplo da informática, é possível excluir essas áreas de conversão, explicou.

De acordo com Adroaldo Moura, a conversão não é, no entanto, a salvação do Brasil. Ela tem que ser colocada num contexto onde inúmeras outras coisas possam ser feitas para permitir uma negociação sobre a dívida externa. Em última instância, prosseguiu, o problema do País consiste em encontrar uma maior linha de crédito junto aos credores oficiais do Brasil, em ampliar nosso saldo comercial, criar um clima favorável à recuperação do investimento privado e encontrar ainda junto à comunidade financeira bancária internacional, melhor disposição para financiar a expansão do nosso comércio externo.

A atitude dos banqueiros internacionais com quem o vice-presidente de Operações Internacionais do Banco do Brasil vem mantendo contatos é de expectativa otimista, mas ainda de espera para ver o que irá acontecer após a Constituinte. Mas a demanda mais importante dos banqueiros é do Brasil reiniciar o pagamento de juros, mas o País só fará isso se tiver condições de reserva.

Quanto à viagem do ministro da Fazenda, Bresser Pereira, ao exterior, para renegociar a dívida, Adroaldo Moura disse que não se pode esperar que ele resolva todos os problemas da renegociação, uma vez que este é um processo lento. Nessa primeira viagem, serão estabelecidos os primeiros contatos e um clima propício à negociação.